

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO:

Estudos e discursos do jornalismo

Copyright © 2014
SBPjor / Associação
Brasileira de
Pesquisadores em
Jornalismo

CLÁUDIA LAGO E SONIA VIRGÍNIA MOREIRA

Diretora da Revista

FÁBIO HENRIQUE PEREIRA

Editor Executivo

Como periódico científico da Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo, a **Brazilian Journalism Research** tem como missão “estimular debates sobre questões teórico-metodológicas da pesquisa em jornalismo, ao mesmo tempo em que se propõe a contribuir para a criação e fortalecimento de uma rede de pesquisadores em jornalismo em nível nacional e internacional”.

Esta edição reflete bem o propósito da revista. Os trabalhos publicados aqui cobrem três regiões geográficas distintas: África, América Latina e Europa. Ela reúne pesquisadores de instituições de ensino e pesquisa na Argentina, Bélgica, Brasil, França e Portugal. Do ponto de vista teórico-metodológico, há uma diversidade de abordagens empregadas: revisões de estudo, análises textuais, estudos etnográficos e semiológicos...Tudo isso reforça o papel da **BJR** como espaço privilegiado de discussão sobre os múltiplos objetos de pesquisa relacionados ao jornalismo no Brasil e em outros países.

Abre esta edição o artigo ‘Estudios de periodismo en Argentina: antecedentes e interrogantes’, redigido pelas professoras Adriana Amado e Natalia Pizzolo, da Universidad Nacional de La Matanza (Argentina). Trata-se de uma análise bibliométrica das publicações sobre jornalismo na Argentina, entre 1960 e 2007. As autoras concluem que, em muitas casos, a produção acadêmica naquele país tende a abordar tangencialmente o jornalismo como objeto de estudo, sobretudo em análises de conteúdo midiático. E que os raros estudos específicos da área se limitam a pesquisas exploratórias do tipo etnográficas, sem muito rigor científico.

O segundo artigo, ‘O discurso da WAN-IFRA: exortação,

prescrição e desqualificação dos modelos organizacionais da empresa de informação’, de Joël Langonné e Magali Prodhomme, do Centre de Recherches sur l’Action Politique en Europe (CRAPE/França) propõe uma análise dos discursos do IFRA, organização internacional que reúne donos de jornais do mundo inteiro. O *paper* analisa as matérias publicadas na revista mensal da associação em torno de um processo de “transformação inevitável e vital das empresas jornalísticas”. Mostra a evolução desse discurso: inicialmente uma apropriação inicial do conceito de “convergência”; em seguida, na produção de enunciações que buscam reforçar as dimensões míticas da profissão e a ideia de “volta às origens”.

‘Jornalismo, redes sociais e movimentos de ocupação global: crise sistêmica na semiosfera contemporânea’ propõe um diálogo entre a semiótica e o jornalismo com base no conceito de *semiose*. No texto, Felipe de Oliveira e Ronaldo Henn, da Unisinos (Brasil), discutem o momento de crise sistêmica pelo qual passa o jornalismo, ilustrado a partir de uma análise dos acontecimentos suscitados pelo protesto “25S”, promovido pelo movimento *Indignados*, na Espanha.

A edição segue com dois trabalhos de comparação transnacional. ‘Ombudsman em instituições de comunicação do Brasil e de Portugal: reflexão sobre atividades desenvolvidas entre 1989-2013’, de Fernando Paulino (Universidade de Brasília, Brasil) e Madalena Oliveira (Universidade do Minho, Portugal), propõe uma análise diacrônica da evolução da prática do ombudsman nos dois lados do Atlântico. Os autores destacam a necessidade de renovação dessa atividade, a partir de novos formatos de interação com o público, com o objetivo de “cultivar nas audiências uma consciência mais firme do papel da comunicação no desenvolvimento social e cultural”. Em ‘Identidade jornalística e percepções do público: paradigma e modelos em construção nos países dos Grandes Lagos (África)’, Marie-Soleil Frère (FNRS e Université Libre de Bruxelles, Bélgica), compara a evolução recente da profissão jornalística em três países africanos (Burundi, Ruanda e República Democrática do Congo). Por meio de um trabalho de campo conduzido durante dez anos na região dos Grandes Lagos, a autora mostra a reconfiguração identitária de um estatuto originalmente definido por um ator externo (o Estado) rumo a uma prática cada vez mais orientada às novas expectativas e percepções do público.

Os periódicos gaúchos são tema dos dois artigos seguintes.

‘Design de jornais – processos, rotinas e produto: um estudo do Segundo Caderno, suplemento cultural de Zero Hora’, de Patricia Lopes Damasceno e Ana Gruszynski, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil), traz uma análise sistemática da configuração do espaço gráfico no caderno de cultura do cotidiano de maior tiragem de Porto Alegre. Já Demétrio de Azeredo Soster e Fabiana Quattrin Piccinin (Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil), em ‘Narrativas literárias no jornalismo impresso diário: o caso dos jornais Zero Hora e Gazeta do Sul,’ buscam identificar em dois jornais gaúchos a presença de relatos categorizados como interpretativos e diversionais. Os resultados da pesquisa sugerem uma mudança em curso no jornalismo e que requer novas modalidades de explicação da prática textual – o que levaria a uma revisão das categorias de gêneros jornalísticos propostas por José Marques de Melo na obra clássica *A opinião no jornalismo Brasileiro*.

Na sequência, dois artigos tratam de práticas jornalísticas emergentes no Europa. ‘O impacto da web no jornalismo local: dois estudos de caso na cidade de Toulouse’, de autoria dos professores Frank Bousquet, Nikos Smyrniaios e Dominique Bertelli, da Université de Toulouse 3 (França), mostra a reconfiguração do jornalismo local no Sudoeste da França, com a emergência dos sites *Carré d’infos* e *LibéToulouse*. A criação desses novos *start ups* exigiu adaptações no modelo de negócios e na relação com as elites políticas locais, na medida em que tais veículos buscaram reforçar uma relação de independência editorial. Segundo os autores, apesar de fracassarem, tais experiências revelaram “algumas novas tendências e práticas para a mudança no tratamento de notícias” e “uma indicação encorajadora de um desejo específico de animar o espaço público local”. Já Florian Tixier (Université Libre de Bruxelles, Bélgica) no artigo ‘Trabalhar em um espaço comunicacional em formação. Facebook e Twitter como ferramentas do trabalho do *community management* nos sites de informação online sobre a Europa’ evidencia o processo de apropriação das ferramentas Facebook e Twitter pelos jornalistas na cobertura de temas ligados à comunidade europeia por meio da novos códigos e pela transposição dos métodos de redação jornalística à lógica das redes sociais.

Ainda dentro dessa temática, Mabel Oliveira Teixeira (Universidade Católica de Pelotas, Brasil), no artigo ‘A interação

usuário x jornal em um site de rede social: indícios de uma mudança’, faz um estudo das interações estabelecidas entre usuários de um site de rede social de um veículo jornalístico. Como marco teórico, a autora se utiliza da Teoria Fundamentada, de Glasser e Strauss. A autora conclui que o “cidadão pós-mediático não aceita, pelo menos não sem relutância, as hierarquias verticalizadas que garantiam ao jornalismo certa imunidade a questionamentos e críticas”. Esse novo público, segundo ela, estaria mais familiarizado com a horizontalização das relações, o debate público e a produção colaborativa, o que traz indícios de mudanças nas suas relações com a mídia.

‘Manipulação, prática profissional e deontologia na fotografia de informação: identificando novos parâmetros’, de Paulo Munhoz, da Universidade Federal da Bahia (Brasil), propõe um mapeamento das intervenções disponíveis no processo de pós-produção digital da fotografia. A partir da análise exploratória de um conjunto de concursos fotográficos, o autor expõe os tensionamentos provocados por essas novas práticas e levanta a necessidade de se construir normas e padrões de comportamento ético-deontológicos para os profissionais do campo do fotojornalismo.

Encerra esta edição da **BJR**, um trabalho de pesquisa aplicada no ensino do jornalismo. Em ‘Colaboración en el periodismo digital: Una aplicación de la herramienta JCollab para la formación de periodistas’, Kellyanne Carvalho Alves, Guido Lemos de Souza Filho, Sandra Moura e Fernando Brito, todos da Universidade Federal da Paraíba (Brasil), descrevem a aplicação da ferramenta de jornalismo colaborativo JCollab no aprendizado de telejornalismo por alunos daquela instituição.

De modo geral, apesar da pluralidade de artigos e de perspectivas teóricas e metodológicas empregadas, os diferentes estudos apresentados nesta têm como ponto comum o interesse de descrever, discutir e questionar um cenário de transformações no jornalismo. Os textos selecionados revelam, assim, uma inquietação da comunidade acadêmica em torno do futuro da profissão, constantemente problematizado pela emergência das novas práticas e ferramentas técnicas. Da nossa parte, esperamos que o nosso leitor também partilhe dessa inquietude e participe da discussão. A BJR está sempre aberta como espaço de debate de alto nível sobre o jornalismo.